

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# PRESSÃO E A EXAUSTÃO: PRODUTIVISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Giovanna Barroca de Moura, Marias das Graças de Almeida Baptista, Rebeca Leitão Gouveia,  
Ercules Laurentino Diniz

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12912>

Submetido em: 2025-08-04

Postado em: 2025-08-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

**PRESSÃO E A EXAUSTÃO: PRODUTIVISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO  
DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

**GIOVANNA BARROCA DE MOURA<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7970-4323>  
[giovannabarroca@gmail.com](mailto:giovannabarroca@gmail.com)

**MARIAS DAS GRAÇAS DE ALMEIDA BAPTISTA<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1084-4269>  
[mgabaptista2@yahoo.com.br](mailto:mgabaptista2@yahoo.com.br)

**REBECA LEITÃO GOUVEIA<sup>3</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3486-4328>  
[rebeccalg2009@gmail.com](mailto:rebeccalg2009@gmail.com)

**ERCULES LAURENTINO DINIZ<sup>4</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4932-8915>  
[ercules.diniz@hotmail.com](mailto:ercules.diniz@hotmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.

**RESUMO:** A universidade pública brasileira enfrenta transformações impulsionadas pela mercantilização do conhecimento e pelo produtivismo acadêmico, intensificando a sobrecarga e a precarização do trabalho docente. Este estudo busca compreender a relação entre produtividade acadêmica e procrastinação nas atividades pedagógicas de professores de cursos de Licenciatura na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com duas professoras do Centro de Educação. Os resultados indicam que a pressão por produtividade e o cumprimento de metas resultam em sobrecarga e adiamento de atividades pedagógicas está na realidade da universidade. Ou seja, o ensino superior está se alinhando cada vez às demandas do mercado, devido às reformas implementadas, resultando em sobrecarga de funções e polivalência produtiva, que, sob critérios avaliativos, moldam as práticas acadêmicas. Conclui-se que a intensificação do trabalho docente afeta negativamente as práticas acadêmicas, evidenciando a necessidade de políticas institucionais que promovam um equilíbrio entre produtividade e bem-estar, garantindo melhores condições de trabalho e ensino.

**Palavras-chave:** Trabalho docente, Precarização, Produtivismo acadêmico, Capitalismo.

**PRESSURE AND EXHAUSTION: PRODUCTIVISM AND THE PRECARIZATION OF TEACHING WORK IN  
HIGHER EDUCATION**

**ABSTRACT:** The Brazilian public university is undergoing transformations driven by the commercialization of knowledge and academic productivism, intensifying the overload and precarization of teaching work. This study aims to understand the relationship between academic productivity and procrastination in the pedagogical activities of professors in undergraduate programs at the Federal University of Paraíba (UFPB). A qualitative approach was adopted, with semi-structured interviews conducted with two professors from the Center for Education. The results indicate that the pressure for productivity and the fulfillment of goals lead to overload and postponement of pedagogical activities

within the university environment. In other words, higher education is increasingly aligning with market demands due to implemented reforms, resulting in an overload of functions and productive polyvalence, which, under evaluative criteria, shape academic practices. It is concluded that the intensification of teaching work negatively affects academic practices, highlighting the need for institutional policies that promote a balance between productivity and well-being, ensuring better working and teaching conditions.

**Keywords:** Teaching work, Precarization, Academic productivism, Capitalism.

## **PRESIÓN Y AGOTAMIENTO: PRODUCTIVISMO Y PRECARIZACIÓN DEL TRABAJO DOCENTE EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR**

**RESUMEN:** La universidad pública brasileña enfrenta transformaciones impulsadas por la mercantilización del conocimiento y el productivismo académico, lo que intensifica la sobrecarga y la precarización del trabajo docente. Este estudio busca comprender la relación entre la productividad académica y la procrastinación en las actividades pedagógicas de los profesores de los cursos de Licenciatura en la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). Se adoptó un enfoque cualitativo, con entrevistas semiestructuradas realizadas con dos profesoras del Centro de Educación. Los resultados indican que la presión por la productividad y el cumplimiento de metas generan sobrecarga y postergación de actividades pedagógicas en la realidad universitaria. Es decir, la educación superior se está alineando cada vez más con las demandas del mercado debido a las reformas implementadas, lo que resulta en una sobrecarga de funciones y en la polivalencia productiva, que, bajo criterios evaluativos, moldean las prácticas académicas. Se concluye que la intensificación del trabajo docente afecta negativamente las prácticas académicas, evidenciando la necesidad de políticas institucionales que promuevan un equilibrio entre la productividad y el bienestar, garantizando mejores condiciones de trabajo y enseñanza.

**Palabras clave:** Trabajo docente, Precarización, Productivismo académico, Capitalismo.

## **INTRODUÇÃO**

Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e-correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adocece, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Viramos exaustos-e-correndo-e-dopados. Porque só dopados para continuarmos exaustos-e-correndo (Brun, 2016, s.p).

A epígrafe de Eliane Brun (2016) ilustra com precisão a exaustão como uma condição estrutural da contemporaneidade. Nesse cenário, um levantamento de Fischborn e Trindade (2025) no Rio Grande do Sul registrou 37.004 afastamentos do trabalho por questões de saúde mental em 2024. Os estados com o maior número absoluto de afastamentos foram São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. No entanto, proporcionalmente, as maiores taxas ocorreram no Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A análise do perfil dos trabalhadores afastados revela que 64% são mulheres, com idade média de 41 anos. Entre os principais fatores que tornam esse grupo mais vulnerável a transtornos mentais, destacam-se a sobrecarga de trabalho, a remuneração inferior e a acumulação de responsabilidades no cuidado familiar.

No meio acadêmico, essa lógica se manifesta no produtivismo, que impõe um ciclo incessante de exigências, prazos e métricas de desempenho. Esse fenômeno desconsidera os limites humanos e transforma corpos e mentes em meros instrumentos de produção científica.

Diante disso, o produtivismo acadêmico convida a uma reflexão sobre a dinâmica do trabalho docente e da pesquisa acadêmica. No contexto globalizado e regido pela lógica capitalista da produtividade, surgem novas configurações no ambiente laboral. Essas mudanças incluem o avanço dos processos produtivos, a flexibilização do trabalho, a polivalência dos trabalhadores, o uso de tecnologias inovadoras e a precarização das condições laborais. Esses fatores impactam diretamente a reestruturação dos sistemas educacionais, afetando as condições de trabalho docente, suas práticas profissionais e as dinâmicas de interação social e institucional (Meis, Velloso, Lannes, Carmo & Meis, 2003; Alvarez, 2004; Luiz, 2006; Mancebo, 2007a).

No Brasil, as publicações científicas são utilizadas como indicadores de produtividade e mecanismos de diferenciação no meio acadêmico, reflexo de políticas que incorporam a lógica dos dados quantitativos. Inicialmente, essas políticas foram voltadas para mensurar a ciência e financiar a pesquisa em Ciência e Tecnologia (C&T). Com o tempo, passaram a influenciar os critérios de contratação e promoção de pesquisadores (Velho, 2001).

Nas universidades, observa-se a adoção de estratégias que remete ao princípio da acumulação primitiva, caracterizado pelo crescimento acelerado do produtivismo acadêmico e pelo aumento significativo da competitividade (Guimarães, 2008; Guimarães & Hayashi, 2023). Assim, as instituições de ensino superior moldam suas práticas de trabalho às exigências do mercado, alinhando-se às demandas do capital. Nesse cenário, a eficiência e a produtividade docente são convertidas em métricas e índices de desempenho, fortalecendo a integração entre educação e trabalho. Sob a justificativa de qualificar a força de trabalho, o docente é visto como produtor de “força de trabalho competente” e de “tecnologia e conhecimento científico” (Mancebo, 2007a; Mancebo, 2007b).

A ênfase na quantificação da produção científica como critério de avaliação e recompensa tem gerado diversas consequências. A pressão por produtividade acadêmica é amplamente discutida na literatura nacional e internacional, com estudos evidenciando sua relação com a sobrecarga de trabalho e o adoecimento docente (Borsoi & Pereira, 2013). Pesquisas indicam impactos significativos na saúde física (Caran, Freitas, Alves, Pedrão & Robazzi, 2011; Borsoi, 2012; Bernardo, 2014) e mental dos professores (Cassandre, 2011; Silva, 2020).

Nesse contexto, cresce o número de casos de estresse ocupacional, burnout, sofrimento psíquico e transtornos mentais entre docentes do ensino superior. Sintomas como cansaço mental, ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, insônia e depressão são frequentemente relatados, assim como problemas psicoemocionais e psicossomáticos (Gasparini; Barreto & Assunção, 2005; Luz, 2005; Lima & Lima-Filho, 2009; Borsoi, 2012; Lemos & Passos 2012; Freitas, 2015; Leite, 2017).

Teixeira (2019) investigou a relação entre pressão por publicação, satisfação no trabalho e estresse ocupacional em 64 docentes da Universidade de São Paulo (USP). Os resultados indicaram que a maioria trabalhava em casa no tempo livre (78%) e aos fins de semana (82%). Além disso, metade dos participantes realizava tarefas além de suas atribuições formais, devido à falta de profissionais na instituição. Embora não tenha sido encontrada uma associação significativa entre satisfação no trabalho e pressão por publicação, essa pressão foi maior entre docentes com experiência em outras instituições,

que trabalhavam em casa e enfrentavam maior desequilíbrio entre esforço e recompensa. Também foi observada uma correlação entre pressão por publicação e indicadores de esforço e comprometimento excessivo.

Em um estudo de caso baseado em entrevistas com docentes de um programa de pós-graduação, Andrade, Cassundé e Barbosa (2019, p. 169) destacam que o produtivismo acadêmico “cerceia a liberdade produtivo-criativa [...] além de promover intensificação das atividades e precarização do trabalho, contribuindo para o surgimento de sentimentos negativos e vivências de sofrimento no trabalho”.

A ampliação da jornada de trabalho, impulsionada pela pressão por publicações, é frequentemente vista como uma escolha individual. No entanto, essa interpretação oculta dinâmicas estruturais de precarização e intensificação do trabalho docente. Esse fenômeno afeta tanto professores da graduação quanto da pós-graduação, resultando em uma sobrecarga que compromete suas condições laborais (Teixeira, Marqueze & Moreno, 2020).

Vieira (2017) identificou que a intensificação do trabalho docente está diretamente ligada ao sucateamento das universidades, resultado da escassez de investimentos, da implementação de políticas de avaliação interna e externa e da redução do quadro profissional. Esse modelo de gestão, alinhado à lógica gerencialista, busca atender às demandas da economia capitalista, precarizando as condições de trabalho e acelerando a produção acadêmica. Além disso, há uma tentativa de disciplinar os docentes segundo padrões da administração privada, orientados pelo produtivismo.

No ambiente acadêmico, a competitividade se torna um elemento central nas relações interpessoais, gerando tensões nos chamados "jogos acadêmicos", nos quais a constante ampliação do currículo Lattes se torna uma meta incessante. A multiplicidade de tarefas, como orientação, participação em bancas, organização de eventos e publicação científica, intensifica a carga de trabalho e reforça a lógica produtivista no ensino superior (Vieira, 2017).

Em um estudo empírico, Júnior, Pereira, Silva e Viegas (2024) analisaram as condições de trabalho de professores doutores vinculados a programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em duas universidades – uma pública e outra privada – localizadas em Belém/PA. A pesquisa abrangeu seis cursos de pós-graduação, selecionando um docente de cada programa para entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelaram a incidência de diversas enfermidades entre os professores, incluindo doenças vocais, como disfonia, nódulos nas pregas vocais e afonia, além de patologias relacionadas ao esforço repetitivo (LER) e distúrbios osteomusculares. Também foram identificados transtornos psicoemocionais, como ansiedade, depressão e síndrome de burnout.

Viana e Helal (2025) investigaram os fatores que contribuem para o ageísmo na carreira docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Os resultados apontam que o produtivismo acadêmico desempenha um papel central nesse processo. Segundo os autores, o ageísmo, entendido como preconceito ou discriminação contra indivíduos mais velhos, manifesta-se no meio acadêmico por meio de exigências que ignoram as limitações e especificidades do envelhecimento profissional.

Além disso, Ferreira, Ferreira e Machado Teixeira (2025), em uma pesquisa bibliográfica, analisaram como o capitalismo, sob tutela do Estado, adota estratégias para capturar a subjetividade dos docentes. Os autores identificaram oito mecanismos que influenciam esse processo, com destaque para a intensificação do trabalho e o produtivismo acadêmico, que impõem uma lógica de desempenho exacerbada e afetam diretamente as condições laborais e o bem-estar dos professores.

Os estudos demonstram que a lógica produtivista não apenas reforça desigualdades etárias, mas também atua como um mecanismo de controle e exploração do trabalho docente. O ageísmo e a sobrecarga de atividades são reflexos diretos desse modelo, comprometendo a qualidade de vida e a autonomia profissional dos professores. Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de políticas institucionais que valorizem de forma equitativa a trajetória acadêmica, respeitando os diferentes estágios da carreira docente e mitigando os impactos dessa lógica produtivista.

Esta pesquisa busca compreender a produtividade acadêmica de duas professoras do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, na graduação e na pós-graduação. A primeira participante, Professora A, leciona três disciplinas na graduação e uma na pós-graduação. A segunda, Professora B, dedica-se exclusivamente à graduação, ministrando três disciplinas. É importante frisar que o estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e as docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme o Código de Ética (Resolução 466/12).

Ao adotar o materialismo histórico-dialético como fundamento teórico-metodológico, este artigo busca ancorar-se na dialética da realidade. Essa abordagem revela suas contradições, conflitos e transformações, compreendendo as ideias como reflexos do mundo exterior e das experiências dos sujeitos.

Frigotto (2015) define o materialismo histórico-dialético não apenas como uma perspectiva teórica, mas como um método capaz de apreender a realidade em sua totalidade, alcançando suas raízes mais profundas. Destaca, ainda, a importância da práxis, isto é, da integração entre teoria e prática na construção do conhecimento e na transformação da realidade histórica.

A pesquisa orientada por esse método deve considerar o contexto histórico e os determinantes políticos, econômicos e sociais do fenômeno estudado, compreendendo-o como uma construção social inserida em uma totalidade maior. O materialismo histórico-dialético não reduz a realidade, mas a reproduz teoricamente, articulando diferentes mediações da atividade humana por meio de categorias de análises que emergem da própria dinâmica do mundo real. Esse método permite entender as manifestações sociais – políticas, econômicas, educacionais, entre outras – como práticas concretas de indivíduos organizados em um determinado tempo e sociedade (Kosik, 1976).

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, adequada para a compreensão da precarização do trabalho docente em relação ao produtivismo acadêmico em sua totalidade e complexidade. Como destaca Richardson (1999, p. 80), “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

Para a coleta e produção das informações, utilizou-se a entrevista semiestruturada, que, segundo Triviños (2019), permite partir de questionamentos teóricos iniciais e aprofundá-los conforme surgem novas indagações a partir das respostas dos participantes.

A análise das informações obtidas na entrevista e na observação será conduzida pelo método da hermenêutica dialética. Esse processo interpretativo busca compreender falas, textos e depoimentos “como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e um processo de conhecimento (expresso em linguagem) ambos os frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico” (Minayo, 1996, p. 227).

## ENTRE A QUANTIDADE E A QUALIDADE: O SIGNIFICADO DO PRODUTIVISMO ACADÊMICO

Para compreender o produtivismo acadêmico, é essencial analisar o contexto que sustenta essa dinâmica. Dardot e Laval (2016) apontam que a universidade está subordinada ao capital, processo muitas vezes disfarçado pelo discurso do engajamento, amplamente difundido na literatura gerencial dos anos 1990. Flexibilidade, criatividade e ampliação da rede de contatos são apresentadas como promessas sedutoras, incentivando os trabalhadores a aderirem ao modelo empresarial do capitalismo. Como afirmam os autores, “eles tendem a acreditar piamente no que o novo capitalismo diz de si mesmo” (Dardot & Laval, 2016, p. 324).

Nesse contexto, o trabalhador passa a enxergar sua função na empresa como uma extensão de si mesmo, buscando constantemente maior eficácia. Essa intensificação do esforço, porém, não resulta de uma decisão autônoma, mas de uma imposição mascarada de escolha pessoal (Dardot & Laval, 2016). Dessa forma, ele elimina qualquer sentimento de alienação ao se identificar completamente com a organização que o emprega. Para Dardot e Laval (2016), trata-se de um mecanismo no qual o indivíduo se vê comandado por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual não pode resistir.

Sguissardi e Silva Junior (2018) destacam que a mundialização do capital e as reformas do Estado nos anos 1990 reforçaram o produtivismo e a busca por metas, afetando tanto o setor privado quanto o público, especialmente o campo educacional. As universidades, influenciadas por órgãos de fomento como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), internalizam essa lógica. O produtivismo acadêmico, assim, não se limita a uma diretriz estatal, mas se consolida na cultura institucional universitária, configurando-se como um projeto nacional iniciado no governo de Fernando Henrique Cardoso e perpetuado nas administrações subsequentes (Dardot & Laval, 2016; Ferreira & Oliveira, 2022).

O produtivismo acadêmico é um fenômeno complexo que reflete a produção do conhecimento sob a lógica do trabalho capitalista. Nos últimos anos, tornou-se um dos principais objetos de investigação no Brasil e no exterior. A temática tem sido conceituada de diferentes maneiras, acompanhando as mudanças no ensino superior e na pesquisa. Curty (2010) ressalta que, na sociedade contemporânea, publicar tornou-se uma exigência incontornável para a sobrevivência profissional, resultando na priorização da produtividade quantitativa em detrimento da qualidade. Da mesma forma, Sguissardi (2010) define esse fenômeno como a ênfase na quantidade de publicações, desconsiderando aspectos fundamentais, como a formação dos pesquisadores e seu bem-estar. Essa lógica impõe uma pressão constante pela produtividade, comprometendo a profundidade e a relevância do conhecimento produzido.

Trein e Rodrigues (2011) ampliam essa discussão ao descrever o produtivismo acadêmico como a transformação do conhecimento em mercadoria, um “fetiche-conhecimento-mercadoria”, que contribui para o mal-estar na academia brasileira. Rego (2014) destaca que esse fenômeno se materializa na obrigatoriedade de publicação quase exclusiva em periódicos científicos, visto que esses veículos se tornaram os principais indicadores de qualidade dos pesquisadores, independentemente da relevância do conteúdo publicado. Camargo Junior (2014) aprofunda essa análise ao evidenciar a pressão crescente

sobre os acadêmicos para manterem um ritmo contínuo de publicações, frequentemente insustentável, afetando não apenas a qualidade da produção científica, mas também a saúde dos pesquisadores.

Duarte, Alves dos Santos e Melo Duarte (2020) destacam que o produtivismo acadêmico se consolidou como prática dominante nas instituições de ensino superior. Esse modelo transformou a competição em um princípio central da produção do conhecimento. No Brasil, órgãos de fomento, como Capes, CNPq e fundações estaduais, adotaram a produtividade acadêmica como critério essencial para concessão de financiamento. Isso influenciou diretamente a avaliação de docentes e discentes na pós-graduação. Como consequência, mesmo sem vínculo direto com a iniciativa privada, a produção científica universitária tornou-se refém da lógica produtivista do capitalismo neoliberal.

Nesse cenário, os docentes ampliam sua jornada de trabalho ao extremo, submetendo-se à exaustão para atender às demandas da produtividade. O tempo de ser e existir passa a ser regulado pelas exigências do capital, que impõe sua lógica sobre a organização do trabalho e da vida (Ferreira & Oliveira, 2022). Esse modelo impacta diretamente a progressão na carreira docente.

A produção acadêmica torna-se um critério central nos processos avaliativos. Entre os fatores mais valorizados estão a publicação científica, a participação em eventos de alto impacto (preferencialmente Qualis A), a atuação em bancas de qualificação e a orientação de pesquisas. O ingresso e a permanência em programas de pós-graduação também dependem de avaliações rigorosas, nas quais a produtividade científica tem peso determinante. Assim, instala-se nas Instituições de Ensino Superior (IES) a cultura do *publish or perish* (“publique ou pereça”), que transforma a pesquisa acadêmica em uma exigência constante e desgastante.

Silva (2019) interpreta o produtivismo acadêmico como uma mercadoria com valor tangível e intangível. O valor tangível é mensurado por métricas e indicadores, que geram conceitos e recompensas financeiras para aqueles com bom desempenho. Já o valor intangível está associado às representações culturais e simbólicas, que moldam os comportamentos e ações dos agentes envolvidos na pós-graduação.

Mais recentemente, Guimarães, Hilário e Grácio (2024) aprofundaram a análise do produtivismo acadêmico ao relacioná-lo à pressão por publicação (*Pressure to Publish* - PoP). Segundo os autores, esse fenômeno configura-se como uma busca incessante por publicações, na qual a quantidade se sobrepõe à qualidade. Nesse cenário, a produtividade científica é impulsionada por uma dinâmica que exige regularidade e volume de publicações. Essa lógica pode ser compreendida como uma “esteira de pesquisa”, que impõe aos pesquisadores uma produção contínua e acelerada. Como consequência, reduz-se o tempo necessário para a reflexão crítica e o aprofundamento teórico.

O produtivismo acadêmico é um fenômeno polissêmico, com múltiplas interpretações. A partir dos estudos analisados, é possível compreendê-lo como uma dinâmica paradoxal dentro da universidade, onde a exigência por quantidade de publicações se sobrepõe à qualidade do conhecimento produzido. Essa contradição reflete um dilema fundamental: enquanto a produção científica deveria estar orientada pelo rigor intelectual, pela ética e pela inovação, a lógica produtivista impõe um modelo de avaliação baseado em métricas quantitativas. Esse sistema desconsidera o tempo necessário para a maturação das ideias e para a profundidade da investigação.

Essa lógica não opera isoladamente, mas dentro de uma estrutura acadêmica moldada por políticas de financiamento e pela inserção da universidade no sistema neoliberal. O produtivismo acadêmico não é apenas uma pressão externa sobre os pesquisadores; ele transforma a própria essência do fazer científico, reconfigurando a relação entre ensino, pesquisa e produção do conhecimento. Dessa

forma, a academia se torna refém de um sistema onde progressão na carreira, reconhecimento institucional e financiamento de pesquisas estão condicionados à produtividade. Muitas vezes, isso ocorre em detrimento da reflexão crítica e do impacto social do conhecimento produzido.

Reinach (2013) observa que se torna cada vez mais raro encontrar cientistas cuja trajetória possa ser sintetizada por uma única realização de grande impacto. Como ele destaca: “cada dia ficamos mais longe de ter cientistas que possam ser descritos em uma única frase: Ele descobriu...” (p. 1).

Além disso, o modelo produtivista pode comprometer a formação de novos pesquisadores. Muitos acabam internalizando a ideia de que a quantidade de publicações deve ser priorizada, muitas vezes em detrimento da efetiva contribuição de suas pesquisas para o avanço da área do conhecimento na qual estão inseridos (Trein; Rodrigues, 2011).

Garfield (1996) aponta que a origem da expressão *publish or perish* (PoP) (publicar ou perecer) é incerta. Em uma pesquisa bibliográfica, ele constatou que nenhum dos autores que escreveram sobre o tema havia citado uma fonte específica para essa expressão comum. Mesmo após buscas em dicionários impressos e online, não encontrou registros precisos de sua origem. Segundo Garfield (1996), a expressão já era utilizada na década de 1920, mas se tornou mais recorrente no meio acadêmico a partir dos anos 1950. Esse aumento ocorreu, sobretudo, com a difusão da obra de Wilson (1995), intitulada *The Academic Man: A Study in the Sociology of a Profession*. Nesse estudo, Wilson (1995) analisa a crescente pressão sobre os acadêmicos para publicarem como requisito para a progressão na carreira, especialmente em universidades e instituições de pesquisa.

Ao longo do século XX, a valorização crescente de métricas quantitativas impulsionou a difusão desse conceito na avaliação acadêmica. Esse movimento se intensificou na década de 1970, com a criação de índices como o fator de impacto (FI), que passou a medir a relevância das publicações com base no número de citações recebidas.

A expressão "publicar ou perecer" sintetiza uma contradição: publicar garante reconhecimento e estabilidade profissional, enquanto perecer representa o risco de perder oportunidades, financiamentos e prestígio acadêmico por não atender às exigências produtivistas impostas por instituições e órgãos de fomento.

Rond e Miller (2005, p.1) destacam que “o princípio de publicar ou perecer parece ter se tornado o modo de vida na academia”. Essa lógica reflete a expansão global da cultura POP, originalmente ocidental, que se consolidou como modelo universal de avaliação acadêmica. A adoção desse sistema pelas universidades segue princípios neoliberais, priorizando privatização, liberalização e desregulamentação, inclusive na produção científica.

Moosa (2024) aponta que as diretrizes do “publicar ou perece” penalizam acadêmicos que não atendem às exigências produtivistas. Esse sistema é frequentemente controlado por “fracassados da pesquisa” – acadêmicos sem reconhecimento que se tornaram burocratas –, impondo regras rígidas ao corpo docente enquanto permanecem imunes a elas. Essa assimetria lembra a “ordem internacional baseada em regras”, em que normas impostas pelo ocidente não se aplicam a ele próprio.

Uma busca no Google Acadêmico pelo termo *publish or perish* retorna aproximadamente 75.500 resultados, enquanto a versão em português, *publicar ou perecer*, aparece em 3.760 ocorrências.

Nos Estados Unidos, os impactos desse modelo variam conforme a etapa da carreira. Para pós-graduandos, a ausência de publicações dificulta a inserção no mercado acadêmico e pode levar à estagnação profissional. Docentes em início de carreira que não atendem às expectativas correm o risco

de não serem efetivados, enquanto aqueles já estáveis enfrentam barreiras para promoções e financiamentos. Mesmo acadêmicos seniores, que esperam um ritmo menos exaustivo, continuam pressionados a publicar, o que pode resultar em colapsos emocionais e afastamento definitivo da vida acadêmica (Moosa, 2024).

No Brasil, o impacto segue uma lógica semelhante. Para pós-graduandos, tornou-se essencial publicar para ingressar e permanecer em programas de mestrado e doutorado. Entre docentes, a produção científica pode ser critério de contratação e progressão na carreira, especialmente em instituições privadas. Já em universidades públicas, a análise do currículo Lattes prioriza publicações em periódicos de alto impacto, sendo um fator decisivo nos processos seletivos.

Docentes das universidades federais enfrentam pressões adicionais para manter a produtividade científica. Um dos principais incentivos é a “Bolsa Produtividade”, concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Destinadas a pesquisadores de destaque, essa bolsa exige um alto volume de publicações em periódicos consolidados, reforçando a lógica do “publicar ou perecer”. Assim, o produtivismo acadêmico no Brasil segue a dinâmica observada nos Estados Unidos, impondo desafios contínuos em todas as etapas da carreira.

Briet (1951) aponta que, já em 1939, antes da Segunda Guerra Mundial, mais de 800 mil artigos haviam sido publicados em periódicos científicos. Atualmente, dados do *Scimago Journal & Country Rank* mostram que os Estados Unidos lideram a produção científica mundial, com cerca de 16 milhões de publicações em 2023. A China ocupa o segundo lugar, com 10,3 milhões, seguida pelo Reino Unido, com 4,7 milhões. O Brasil aparece na 14ª posição, somando pouco mais de 1,4 milhão de artigos no mesmo período.

Na área da educação, os Estados Unidos também lideram em número de publicações, seguidos por Reino Unido, Austrália, China, Canadá, Espanha e Alemanha. Globalmente, o Brasil ocupa a 8ª colocação, sendo o principal país da América Latina, à frente do Peru (9º), México (27º) e Chile (33º).

Apesar do crescimento expressivo no volume de publicações, esse avanço nem sempre se traduz em qualidade ou impacto social significativo. O produtivismo acadêmico, impulsionado pelo princípio do “publicar ou perecer”, muitas vezes prioriza a quantidade em detrimento do ineditismo, rigor metodológico, ética e relevância das pesquisas. Um reflexo disso é a chamada “ciência salame”, prática na qual um estudo é fragmentado em múltiplos artigos para inflar métricas individuais. Esse modelo acaba comprometendo o real avanço do conhecimento científico ao valorizar números em vez de descobertas substanciais.

As motivações para publicar artigos científicos são diversas. Segundo Mabe (2015), elas podem ser resumidas em seis razões principais: (a) garantir visibilidade ao divulgar uma ideia pioneira; (b) assegurar a comunicação segura dessa ideia; (c) persuadir os leitores sobre a validade e generalização dos resultados; (d) obter a aceitação da comunidade acadêmica; (e) receber reconhecimento pelas contribuições; e (f) registrar publicamente e de forma permanente seu trabalho.

Bolaño (2006) destaca que a produção científica sempre esteve ligada à reputação e ao reconhecimento acadêmico, fatores decisivos para a progressão na carreira e a ocupação de posições de prestígio – ainda hoje uma realidade. Essa dinâmica intensifica a competitividade entre pesquisadores, levando docentes a carga de trabalho, flexibilizar rotinas e enfrentar condições precárias para atender às exigências produtivistas.

Moosa (2024) alerta que as principais vítimas desse sistema são aquelas cujo percurso acadêmico é marcado por mais danos do que benefícios. Em casos extremos, a pressão pode levar ao suicídio, evidenciando a gravidade do impacto emocional e psicológico. Mesmo os que permanecem na profissão frequentemente o fazem a um alto custo, enfrentando sérias consequências para a saúde mental.

Estudos qualitativos apontam a sobrecarga causada pela pressão por publicações (Lemos; Passos, 2012), bem como seu impacto no adoecimento físico e mental (Borsoi; Pereira, 2013; Cassandre, 2011). Trata-se, portanto, de um fator psicossocial que contribui para o estresse ocupacional (Kinman, 2001). No entanto, até a conclusão deste estudo, não foram encontradas pesquisas quantitativas sobre o tema.

Diante desse contexto, a próxima seção traz entrevistas com duas professoras, buscando uma análise mais aprofundada sobre os impactos do produtivismo acadêmico em suas trajetórias profissionais.

## **EXPLORANDO O CAMPO DE PESQUISA E O TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE**

Considerando as reflexões anteriores e a escassez de estudos sobre a relação entre produtivismo acadêmico e precarização do trabalho na graduação e pós-graduação, foi conduzida uma pesquisa em uma universidade pública na cidade de João Pessoa. O estudo contou com a participação de duas professoras do Centro de Educação, que responderam a um questionário estruturado para identificar seu perfil social e profissional, além de abordar aspectos específicos de suas atividades acadêmicas.

A primeira docente possui formação em Pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação, e ministra três disciplinas na graduação em Pedagogia. A segunda é formada em Psicologia, com mestrado e doutorado em Psicologia Social. Além de lecionar três disciplinas no curso de Pedagogia, atua como orientadora na pós-graduação em Psicologia Social.

Para a análise dos dados, foram adotadas as categorias analíticas de contradição, quantidade e qualidade, e totalidade, que são essenciais para pesquisas fundamentadas no materialismo histórico-dialético.

A primeira pergunta do questionário abordou as atividades desempenhadas pelas docentes na universidade. Em resposta, a professora “A” relatou sua atuação em projetos de extensão, ensino e pesquisa, coordenando os dois últimos:

Atualmente estou envolvida em projetos de extensão, ensino e pesquisa, atuando nos dois últimos como coordenadora. Na extensão, sou professora formadora de um projeto de extensão que resultou na parceria entre UFPB e PMJP até este ano de 2025, e está voltado à formação de professoras que atuam na Educação Infantil (berçário e maternal I e II) da rede municipal de ensino de João Pessoa. Na dimensão do ensino, além das aulas na graduação, coordeno projeto de monitoria. Na pesquisa, coordeno e supervisiono as atividades desenvolvidas por 2 estudantes (1 bolsista e 1 voluntária) - PIBIC cujo objetivo de investigação está voltado à compreensão das estratégias que as professoras da pré-escola, da rede municipal de ensino de João Pessoa, desenvolvem, quando utilizam imagens em sua prática docente.

A professora B descreveu um cotidiano diversificado:

Meu cotidiano na universidade inclui ministrar aulas semanais, orientar alunos de graduação e pós-graduação, coordeno projetos de pesquisa, participo de reuniões departamentais, parecer de resumos e artigos, escrevo artigos, estudo temáticas de interesse, participo de bancas de defesas, e outras.

A análise das atividades docentes sob as categorias de contradição, quantidade e qualidade, e totalidade evidencia a complexa relação entre as múltiplas demandas acadêmicas e seu contexto social. As narrativas das professoras refletem tanto as contradições das exigências institucionais quanto as estratégias de adaptação e superação dessas condições.

As funções desempenhadas pelas docentes entrevistadas ilustram a multiplicidade de responsabilidades no ensino superior. Além da docência, acumulam atribuições ligadas à pesquisa, extensão e gestão acadêmica, participando de colegiados, programas de pós-graduação e setores administrativos da instituição (Bosi, 2007). A essas demandas, soma-se a constante presença das tecnologias da informação e comunicação, que expandem a jornada de trabalho para além do expediente formal, restringindo o tempo livre e intensificando a sobrecarga profissional (Borsoi, 2012; Yamamoto, Tourinho, Bastos & Menandro, 2012; Leite, 2017).

O trabalho docente tem se tornado progressivamente mais intenso, marcado pela fragmentação das pesquisas, pressão por produtividade e necessidade de captação de recursos. Além disso, fatores como a redução do tempo de formação de novos pesquisadores, a hiperespecialização, a sobrecarga de avaliações e a constante reformulação dos critérios de desempenho configuram um sistema de exigências contínuas, no qual o professor universitário opera sob um ritmo ininterrupto (Duarte, Alves dos Santos & Melo Duarte, 2020).

Além das exigências acadêmicas, diversas funções anteriormente desempenhadas por técnicos-administrativos foram transferidas aos professores, especialmente àqueles envolvidos em pesquisa. Essa tendência pode ser observada em três exemplos: (1) a emissão de pareceres, agora realizada eletronicamente tanto para agências de fomento quanto para revistas científicas; (2) o preenchimento de planilhas de notas dos alunos em plataformas digitais; e (3) a apresentação dos programas das disciplinas por meio de formulários online, que exigem descrições detalhadas dos objetivos e estratégias dos cursos (Sguissardi & Silva Junior, 2018).

No cenário atual, a intensificação e a precarização do trabalho docente têm se acentuado. Ferenc, Brandão e Baraúna (2016) destacam que essa precarização afeta todas as dimensões do trabalho acadêmico, comprometendo a saúde e o bem-estar dos docentes nas instituições de ensino superior. O ambiente acadêmico, torna-se, assim cada vez mais desgastante, marcado pelo aumento das condições adversas de trabalho.

Além da sobrecarga de funções, a exigência por alta produtividade, baseada em critérios quantitativos estabelecidos por agências de fomento, gera impactos significativos na saúde física e psicoemocional dos docentes. A constante pressão impõe um estado de vulnerabilidade, afetando diretamente o bem-estar e a qualidade de vida desses profissionais (Borsoi, 2012; Pimenta, 2014; Ribeiro, Leda, Silva, 2015; Leite, 2017).

Ao serem questionadas sobre as consequências da intensificação do trabalho, a professora A destacou que o ambiente produtivista gera tensão e ansiedade, enquanto a professora B relatou que a ampliação excessiva de suas atividades resulta em estresse e esgotamento. Ambas ressaltaram que essas

pressões não apenas dificultam o desempenho acadêmico, mas também aumentam a procrastinação de outras tarefas, criando um ciclo de sobrecarga e desgaste profissional.

Nesse sentido, a análise das doenças que afetam professores universitários deve ir além de uma perspectiva biopatológica individual, considerando-as como fenômenos estruturais enraizados nas dinâmicas do capitalismo e nas relações de trabalho. O adoecimento docente não pode ser compreendido isoladamente, mas sim em um contexto que envolve tanto as características intrínsecas da atividade acadêmica quanto as influências externas do sistema econômico.

A precarização e a intensificação do trabalho afetam diretamente a saúde dos docentes, contribuindo para um processo de alienação que distorce a percepção sobre a profissão. Modelos meritocráticos, baseados em competências e profissionalismo, reforçam essa alienação ao consolidar uma visão do trabalho acadêmico alinhada às exigências do mercado e às lógicas capitalistas (Borges, 2020).

Uma análise conduzida por Rebolo e Urt (2022) sobre o adoecimento de professores universitários examinou 19 trabalhos acadêmicos, incluindo dissertações e teses, evidenciando um aumento significativo nas investigações sobre o tema. Entre 2000 e 2012, apenas seis estudos foram identificados, enquanto entre 2014 e 2018, esse número subiu para 13. A distribuição entre dissertações (10) e teses (9) foi relativamente equilibrada, demonstrando interesse do meio acadêmico em diferentes níveis de pesquisa.

Rebolo e Urt (2022) associam o adoecimento docente a fatores como intensificação e sobrecarga de trabalho, precarização das condições laborais, novas exigências institucionais e a mercantilização das universidades, além do impacto do clima organizacional e das relações interpessoais.

Nesse contexto, ao ser questionada sobre a carga de trabalho, a professora “A” relatou:

Estou há 8 anos como docente efetiva da UFPB. Nos primeiros 5 anos, mantive um ritmo acelerado e, por vezes, sem um olhar atento às minhas condições físicas e psicológicas para desenvolver um trabalho de qualidade. Porém, nos últimos 3 anos, tenho reconsiderado minha atuação e, apesar de desenvolver muitas atividades acadêmicas, considero-me sensível a “ouvir” o meu corpo, o que é possível ou não de realizar etc. Em geral, é preciso aprender a dizer “não” para alguns trabalhos pelos quais não somos pagos por ele. Reconhecer que trabalhar mais de 40 horas semanais em atividades infundáveis que percorrem os finais de semana, desqualificando a si mesmo como pessoa humana que também necessita de lazer, descanso e fortalecimento de vínculos com outras pessoas (familiares e amigos), é uma atitude de desafeto que produzirá consequências psicológicas sérias no futuro. Na minha opinião, é importante entregar um trabalho de qualidade à sociedade, cumprindo com nossas obrigações de servidora pública, mas respeitando nossas limitações (físicas, psicológicas, materiais etc.).

A professora “B”, por sua vez, afirmou:

Atualmente, acho justa a quantidade de disciplinas recebidas em meu departamento. No entanto, acho que a demanda por publicação para pesquisa alta, exigindo uma dedicação muito além do docente. Considero que a inserção na pós-graduação demanda bastante, e também no que tange a orientação de aluno. Há uma demanda alta por reuniões departamentos e envolvimento em comissões.

Para a professora “A”, o tempo se revelou um fator determinante na execução de suas atividades acadêmicas e científicas. Entretanto, as horas adicionais dedicadas não resultam em aumento salarial ou benefícios financeiros, nem são plenamente reconhecidas nos processos avaliativos aos quais os docentes são submetidos.

Conforme observa Bosi (2007, p. 1514), essa “[...] dinâmica tem representado, na rotina do trabalho docente, não apenas uma assimilação desse padrão de produção (que em realidade é de produtividade), mas uma *necessidade* de criar as condições para a realização dessa produção”. A adaptação às exigências acadêmicas leva os pesquisadores a ampliar sua carga de trabalho para garantir, e muitas vezes expandir, sua produção científica.

Outro aspecto relevante nas declarações das docentes é a quantidade de atividades que desempenham, apesar de considerarem essa ampliação compatível com suas funções. Essa situação pode ser analisada à luz do conceito de contradição de Cury (1986), que a define como o motor do desenvolvimento, pois “cada coisa exige a existência do seu contrário” (Cury, 1986, p. 30), em um processo contínuo de superação e reconstrução.

Antunes (2020, p. 26) reforça essa perspectiva ao afirmar que, embora o trabalho seja necessário, “[...] devemos recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social, tal como o conhecemos sob a vigência e o comando do trabalho abstrato”. Ele acrescenta que “o trabalho que estrutura o capital é destruturante para a humanidade” (Antunes, 2020, p. 26), evidenciando a contradição inerente à organização do trabalho no sistema capitalista.

A produtividade, profundamente enraizada nas universidades públicas, reflete a influência de políticas mercantilistas que transformam a educação em mercadoria, afastando-a de seu caráter essencial como direito social. Assim, a intensificação das atividades docentes configura uma contradição central no exercício da profissão. Ao enfrentá-la, as professoras passam por um processo contínuo de adaptação e reavaliação, buscando um novo equilíbrio entre as demandas institucionais e suas condições de trabalho.

## **REFLEXÕES FINAIS ACERCA DO PRODUTIVISMO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE**

O estudo alcançou seu objetivo ao analisar a relação entre produtivismo acadêmico e precarização do trabalho docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a partir das perspectivas de duas professoras do curso de Pedagogia. Os resultados demonstraram que ambas reconhecem o produtivismo como uma realidade consolidada na universidade, impactando diretamente suas condições de trabalho, a gestão do tempo e o bem-estar físico e mental. A sobrecarga de atividades, a pressão por produtividade e as exigências institucionais foram apontadas como fatores geradores de estresse, ansiedade e adiamento de tarefas pedagógicas, intensificando o ritmo do trabalho docente.

Embora muitas pesquisas associem o produtivismo acadêmico principalmente à pós-graduação, os achados deste estudo indicam que essa lógica permeia toda a estrutura universitária, afetando docentes em diferentes níveis. A limitação no número de participantes não invalida os resultados, mas reforça a necessidade de investigações mais abrangentes que aprofundem a compreensão desse fenômeno. Além disso, os dados apresentados servem como ponto de partida para reflexões sobre a precarização do trabalho acadêmico e suas implicações no ensino, na pesquisa e na qualidade de vida dos professores.

Diante desse cenário, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo da investigação, incorporando um número maior de participantes e explorando diferentes áreas do conhecimento. Ademais, é essencial que as universidades revisem suas políticas institucionais, buscando alternativas que conciliem produtividade e qualidade de vida, garantindo condições de trabalho mais dignas e sustentáveis

para os docentes.

## REFERÊNCIAS

Alvarez, D. (2004). *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?* Rio de Janeiro: Myrrha.

Andrade, J. S., Cassundé, F. R. S. A., & Barbosa, M. A. C. (2019). Da liberdade à “gaiola de cristal”: sobre o produtivismo acadêmico na pós-graduação. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 9(1), 169–197. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/43356/22445>

Antunes, R. (2020). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.

Bernardo, M. (2014). Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: O desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, 26, 129-139. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000500014>

Bolaño, C. (2006). *Indústria Cultural: Informação e Capitalismo*. São Paulo: Hucitec/Polis.

Borges, K. P. (2020). *Trabalho, precarização e adoecimento docente* (1ª ed.). Appris.

Borsoi, I. (2012). Trabalho e produtivismo: Saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(1), 81-100. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172012000100007](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100007)

Borsoi, I. C. F. & Pereira, F. S. (2013). Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. *Univ Psychol*, 12(4), 1213-35. Recuperado de [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1657-92672013000400018](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1657-92672013000400018)

Bosi, A. P. (2007). A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Revista Educação & Sociedade*, 28(101), 1503-1523. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400012>

Briet, S. (1951). *Qu'est-ce que la documentation?*. ÉDIT.

Brun, E. (2016). Na sociedade do desempenho, conseguimos a façanha de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo. *El País Brasil*. [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html)

Camargo Junior., K. R. de. (2014). Publicar ou perecer, ou perecer por publicar (em excesso)? *Physis*, 24(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200001>

Caran, V. C. S., Freitas, F. C. T., Alves, L. A., Pedrão, L. J., & Robazzi, M. L. C. C. (2011). Riscos ocupacionais psicossociais e sua repercussão na saúde de docentes universitários. *Revista Enfermagem UERJ*, 19(2), 255–261. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-20449>

Cassandre, M. P. (2011). Saúde dos docentes dos cursos de stricto-sensu: os danos causados por imposições do processo avaliativo. *Revista Subjetiv.*, 11(2), 779-816. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5002>

Curty, R. G. (2010). *Produção intelectual no ambiente acadêmico* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Londrina.

Cury, C. R. J. (1986). *Educação e contradição*. Cortez e Autores Associados.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

Duarte, N., Alves dos Santos, S., & Melo Duarte, E, C. (2020). O obscurantismo bolsonarista, o neoliberalismo e o produtivismo acadêmico. *Revista Eletrônica de Educação*, 14, e4542134. Epub 29 de setembro de 2020. <https://doi.org/10.14244/198271994542>

Ferenc, A. V. F., Brandão, A. C. P., & Braúna, R. de C. de A. (2016). Condições de Trabalho Docente em uma Universidade Pública. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, 7(14), 358–384. <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/405>

Ferreira, C. G., & de Oliveira, L. E. (2022). Produtivismo acadêmico: da intensificação do trabalho ao adoecimento. *Revista Valore*, 7, 45–58. <https://doi.org/10.22408/rev702022123045-58>.

Ferreira, C. G., Ferreira, C. H., & Machado Teixeira, P. J. (2025). A supressão da reflexão crítica – um desafio da docência. *Revista Valore*, 10, e-10003. <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1783>

Fischborn, E., & Trindade, P. (2025). Saúde mental: RS teve 18 mil afastamentos do trabalho por ansiedade e depressão em 2024, aponta levantamento. *G1 Rio Grande do Sul*. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2025/03/11/saude-mental-rs-teve-18-mil-afastamentos-do-trabalho-por-ansiedade-e-depressao-em-2024-aponta-levantamento.ghtml>

Freitas, N. Q. (2015). *Adoecimento relacionado ao trabalho de docentes universitários da área da saúde* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7447/FREITAS%2c%20NATIELLEN%20QUATRI%20N.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Frigotto, G. (2015). Contexto e sentido ontológico, epistemológico e político da inversão da relação educação e trabalho para trabalho e educação. *Revista Contemporânea de Educação*, 10(20). <https://doi.org/10.20500/rce.v10i20.2729>

Garfield, E. (1996). What is the primordial reference for the phrase ‘publish or perish’? *The Scientist*, 10(12), 11. [https://garfield.library.upenn.edu/commentaries/tsv10\(12\)p11y19960610.pdf](https://garfield.library.upenn.edu/commentaries/tsv10(12)p11y19960610.pdf)

Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. Á.. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação E Pesquisa*, 31(2), 189–199. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>

Guimarães, J. A. C. (2008). A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação*, 1(1), 77–99. <https://doi.org/10.26512/rici.v1.n1.2008.940>

Guimarães, J. A. C., & Hayashi, M. C. P. I. (2023). Revistas predatórias: um inimigo a ser combatido na comunicação científica. *RDBCI: Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação*, 21(00), e023003. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v21i00.8671811>

Guimarães, J. A. C.; Hilário, C. M.; Grácio, M. C. C. (2024). As dimensões do fenômeno produtivismo acadêmico e seu efeito danoso na atividade científica. *Em Questão*, 30, e138768. <https://doi.org/10.1590/1808-5245.30.138768>

- Júnior, R. S. de F., Pereira, A. J. F., Silva, A. C. D., & Viegas, M. P. (2024). Quando o trabalho adoecer: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente na educação superior. *Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade*, 11(29), 27-47. <https://doi.org/10.55028/pdres.v11i29.21727>
- Kinman, G. (2001). Pressure points: A review of research on stressors and strains in UK academics. *Educational Psychology*, 21(4). <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10615806.2010.548088>
- Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto* (C. Neves & A. Toribio, Trans.; 2ª ed.). Paz e Terra.
- Leite, J. L. (2017). Publicar ou perecer: A esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katályysi*, 20(2), 207-215. Recuperado de [doi:10.1590/1982-02592017v20n2p207](https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207)
- Lemos, M. C., & Passos, J. P. (2012). Satisfação e frustração no desempenho do trabalho docente em enfermagem. *REME-Revista Mineira De Enfermagem*, 16(1). <https://doi.org/10.35699/rem.v16i1.50339>
- Lima, M. F. E. M., & Lima-Filho, D. de O. (2009). Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, 14(3), 62-82. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212009000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000300006&lng=pt&tlng=pt).
- Luiz, R. R. (2006). Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 3(6), 300-312. <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/112/106>
- Luz, M. T. (2005). Prometeu acorrentado: Análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 15(1), 39-57. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312005000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000100003)
- Mabe, M. (2015). Does journal publishing have a future? In R. Campbell, E. Pentz, & I. Borthwick (Orgs.), *Academic and professional publishing* (pp. 01-02). Chandos Publishing.
- Mancebo, D. (2007a). Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 74-80. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100010>
- Mancebo, D. (2007b). Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. *Educação & Sociedade*, 28(99), 466-482. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000200009>
- Meis, L.; Velloso, A.; Lannes, D.; Carmo, M. S.; Meis, C. (2003). The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. *Revista Brasileira de Pesquisa Médica e Biológica*, 36(9), 1135-1141. <https://www.scielo.br/j/bjmb/a/X9Fby6spKPD7B9mt4PcSHsF/?lang=en>
- Minayo, M. C. S. (1996). *Desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (4ª ed.). HUCITEC-ABRASCO.
- Moosa, I. A. (2024). Publish or perish: origin, evolution and conceptual issues. In: Publish or Perish. Edward Elgar Publishing, p. 1-19. <https://doi.org/10.4337/9781035307807>
- Pimenta, A. G. (2014). *(Des)caminhos da pós-graduação brasileira: O produtivismo acadêmico e seus efeitos nos professores pesquisadores* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Rebolo, F., & Urt, S. da C. (2022). Saúde e adoecimento de professores universitários: uma revisão integrativa de teses e dissertações produzidas no Brasil. *Educação*, 47(1), e70/ 1–27. <https://doi.org/10.5902/1984644453279>

Rego, T. C. (2014). Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. *Educação e Pesquisa*, 40(2), 325–346. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014061843>

Reinach, F. (2013). Darwin e a prática da "Salami Science". *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, 12(4), 402-403. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v12i4.9318>. Acesso em: 10 fev. 2025.

Ribeiro, C. V. dos S., Leda, D. B., & Silva, E. P. e. (2015). A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. *Revista Educação em Questão*, 51, 147-174. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2015v51n37ID7175>

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. Atlas.

Rond, M., & Miller, A. N. (2005). Publish or perish: bane or boon of academic life? *Journal of Management Inquiry*, 14(4), 321-329. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1056492605276850>

Sguissardi, V. (2010). Produtivismo acadêmico. In D. A. Oliveira, A. M. C. Duarte, & L. M. F. Vieira (Orgs.), *Dicionário de trabalho, profissão e condição docente*. Faculdade de Educação UFMG.

Sguissardi, V., & Silva Júnior, J. (2018). *Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico* (1ª ed.). Navegando.

Silva, A. (2020). *Formas e tendências de precarização do trabalho docente: O precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras*. CRV.

Silva, A. B. (2019). Produtivismo acadêmico multinível: Mercadoria performativa na pós-graduação em administração. *Revista de Administração de Empresas*, 59(5), 341–352. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190504>

Teixeira, T. da S. C., Marqueze, E. C., & Moreno, C. R. de C. (2020). Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. *Revista De Saúde Pública*, 54, 117. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002288>

Teixeira, T. S. C. (2019). *Produtivismo acadêmico e saúde dos docentes na pós-graduação*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

Trein, E., & Rodrigues, J. (2011). O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Revista Brasileira De Educação*, 16(48), 769–792. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000300012>

Triviños, A. N. S. (2019). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.

Velho, L. (2001). Estratégias para um sistema de indicadores de C&T no Brasil. *Parcerias Estratégicas*, 13, 109-121. [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.riicyt.org/wp-content/uploads/2019/09/IVTaller\\_Indicadores\\_velho.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.riicyt.org/wp-content/uploads/2019/09/IVTaller_Indicadores_velho.pdf)

Viana, L. O., & Helal, D. H. (2025). Ageísmo na docência e produtivismo acadêmico: relato de professores. *Educação Em Foco*, 30(1), e30009. Recuperado de <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2025.v30.44535>

Vieira, M. M. (2017). *Intensificação e consentimento: reflexões sobre as atividades dos docentes do ensino público superior (1990-2013)* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

Wilson, L. (1995). *The academic man: A study in the sociology of a profession*. Transaction Publishers.  
[https://books.google.nl/books?id=CA1CGvPJGtwC&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.nl/books?id=CA1CGvPJGtwC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

Yamamoto, O. H., Tourinho, E. Z., Bastos, A. V. B., & Menandro, P. R. M. (2012). Produção científica e “produtivismo”: há alguma luz no final do túnel?. *Revista Brasileira De Pós-Graduação*, 9(18).  
<https://doi.org/10.21713/2358-2332.2012.v9.364>

#### **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:**

**Autora 1 – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados, Conceituação; Redação do manuscrito original e revisão da escrita final.**

**Autor 2 – Metodologia e Redação do manuscrito original**

**Autor 3 – Design da apresentação de dados e Redação - revisão e edição**

**Autor 4 - Redação - revisão e edição**

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

**Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.**

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.